

Revista de Literatura,
História e Memória

Figurações da Nacionalidade
no Texto Literário

ISSN 1809-5313

VOL. 2 - Nº 2 - 2006

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 59-72

A PRESENÇA DO CANGAÇO EM MEMORIAL DE MARIA MOURA E DÔRA, DORALINA

LANGARO, Jerri Antonioli

RESUMO: O propósito deste estudo é analisar como a temática do cangaço se faz determinante no eixo narrativo da obra *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz, e como os vestígios de tal temática estão presentes na obra *Dôra, Doralina*, da mesma autora. O cangaço foi uma forma de banditismo social ocorrida no sertão nordestino brasileiro entre o final do século XIX e início do século XX, tendo em Lampião o seu maior expoente. Ao se analisar a obra *Memorial de Maria Moura*, percebe-se que a protagonista Maria Moura ingressa no cangaço para poder sobreviver em um universo patriarcal e conservador. Os fatos trágicos que a envolvem se fazem determinantes para que ela transmigre da posição de sinhazinha à de líder de um bando de jagunços. Em *Dôra, Doralina*, os vestígios do cangaço são marcantes, principalmente, na personagem Delmiro, ex-jagunço e fugitivo da polícia que, ao aparecer baleado e delirante na fazenda Soledade, passa a contar com o carinho e proteção de Dôra – a narradora protagonista –, herdeira de Soledade. Ao se analisar comparativamente as duas obras, é possível depreender que Maria Moura teve sua inserção criminal devido às injustiças sociais, marcantes no contexto feminino do Nordeste brasileiro do século XIX. Já, Delmiro, ingressou no cangaço por falta de maiores perspectivas na sociedade semi-patriarcal sertaneja do início do século XX. Partindo da relação entre literatura e sociedade, analisar-se-á como Raquel de Queiroz se vale de suas memórias para resgatar o cangaço, condição social com a qual a escritora estivera em contato, principalmente por ter nascido e se criado na região na qual ela ficcionaliza os referidos romances.

PALAVRAS-CHAVE: banditismo; coronelismo; patriarcalismo.

ABSTRACT: The purpose of this study is to analyze how the cangaço's thematic is important in the narrative axis in *Memorial de Maria Moura* work, by Rachel de Queiroz, and how this thematic vestiges are present in the *Dôra, Doralina* work, from the same author. The cangaço was a way for the social criminality happen in Brazilian northeast backwoods between the last XIX century and the beginning of XX century, having in Lampião its greatest exponent. Upon analyzing *Memorial de Maria Moura* work, it's noticed that the protagonist Maria Moura enters in the cangaço to survive in a patriarchal and conservative universe. The tragic facts that involved her were determinate to transmigrate her from the owner's daughter, to an employee's bunch leader. In *Dôra, Doralina*, the cangaço vestiges are determinate, mainly, in the Delmiro character, ex-employee and police fugitive, that, upon appearing shot and delirious on the Soledade's farm, he

started being protected by Dôra – the protagonist narrator –, Soledade's heiress. Upon analyzing the two works, it's possible understand that Maria Moura had her criminal insertion due the social injustices, outstanding in the Brazilian northeast's feminine context in the XIX century. But Delmiro entered in the cangaço because he didn't have greatest expectations in the inlanders' semi-patriarchal society in the beginning of the XX century. Departing from the relation between literature and society, it's going to be analyzed how Raquel de Queiroz takes advantage of her memories to ransom the cangaço, social condition which the writer was in contact with, principally because she had been born and created in the region where she focalize the novel reports.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as obras *Memorial de Maria Moura* e *Dôra, Doralina*, de Rachel de Queiroz, com o intuito de discutir o cangaço, forma de banditismo presente no eixo narrativo de ambos os romances. Partindo da relação entre literatura e sociedade, este estudo procura perceber como a temática do cangaço se faz determinante na obra *Memorial de Maria Moura* e como os vestígios desse fulcro temático permanecem no foco narrativo do romance *Dôra, Doralina*.

Na obra *Memorial de Maria Moura*, a alternativa encontrada pela protagonista Maria Moura para sobreviver aos acontecimentos trágicos que a vitimam é o banditismo. Moura, ex-sinhazinha que, ao cortar os cabelos e se travestir em homem, passa a personificar o cangaceiro, começa a agregar para si a força daqueles que, assim como ela, também transitam pela criminalidade.

Em *Memorial de Maria Moura*, o cangaço é o tema central da narrativa, inclusive é a condição de mulher e cangaceira que propicia a Maria Moura o estatuto de uma personagem notável. Na obra *Dôra, Doralina*, o tema principal é a relação conflituosa vivida entre a narradora protagonista Dôra e sua mãe, Senhora. No entanto, de forma subliminar, o tema do cangaço se faz presente no período no qual está situada a obra – por volta de 1930 a 1950 – ocasião em que tal temática ainda era marcante no sertão. No eixo narrativo desse romance, observase os vestígios do cangaço, principalmente na personagem Delmiro, ex-jagunço, que, ao fugir da polícia, é baleado e chega agonizante à fazenda Soledade, onde é tratado por Dôra, que lhe permite permanecer na fazenda à revelia da vontade da mãe dela, a proprietária da Soledade.

Embora o objeto deste estudo – o texto literário – seja ficcional, na presente pesquisa propõe-se a analisar os indicadores culturais e sociais, tendo por base a teoria de Mikhail Bakhtin, no que ele se refere ao estudar os recursos estéticos da linguagem e a forma como se dá essa relação entre o texto ficcional e a realidade na qual o mesmo é produzido.

O estenograma do pensamento humano é sempre o estenograma de um diálogo de tipo especial: a complexa interdependência que se estabelece entre o *texto* (objeto de análise e de reflexão) e o *contexto* que o elabora e o envolve (contexto interrogativo, conservatório, etc.) através do qual se realiza o pensamento do sujeito que pratica ato de cognição e de juízo. Há encontro de dois textos, do que está concluído e do que está sendo elaborado em relação ao primeiro [grifo do autor] (BAKHTIN, 2000, p. 333).

Em sintonia com o pensamento bakhtiniano, a compreensão de uma obra se dá, em sua plenitude, apenas quando se fundem o texto literário e o contexto no qual este é criado. A literatura promove, por meio da verossimilhança, uma espécie de “camuflagem” da realidade de um período histórico, sem deixar de revelá-lo ao leitor. O produto literário é resultante do ato de criação inserido em um determinado contexto social, político, econômico e espacial. Portanto, é da relação entre o *contexto* que envolve o *texto* literário, tal qual fala Bakhtin, que se sustenta o presente estudo.

O CANGAÇO COMO TEMA PRINCIPAL NO *MEMORIAL*

A sinopse da obra *Memorial de Maria Moura* – adaptada para a tevê por Jorge Furtado e Carlos Gerbase – lança luz sobre o processo da inserção criminal da protagonista Maria Moura. Essa sinopse é disponibilizada por Nilson Xavier.

Família. Honra. Terra. Estas eram as três únicas justificativas para uma mulher brasileira viver no século XIX e Maria Moura tinha apenas 17 anos quando perdeu, uma a uma, as razões de sua existência. Primeiro, encontrou sua mãe morta. Depois, foi seduzida pelo padrasto e provável assassino de sua mãe. Finalmente, teve a posse de suas terras ameaçada por primos gananciosos. Se Maria Moura fosse uma mulher comum, sua vida teria terminado. (...) Mesmo diante dessa situação, ela se recusou a aceitar o papel submisso, reservado à mulher da sociedade patriarcal e opressora do Nordeste brasileiro do século passado. Ela passou, então, a fazer o jogo violento dos homens, não sendo perfeita nem estando sempre do lado certo (XAVIER, 2005, p. 1).

Apelos folhetinescos à parte, a sinopse evidencia como família, honra e terra eram os três sustentáculos fundamentais não somente para a mulher, mas para toda a estrutura patriarcal. Com a perda desses sustentáculos, poucas opções restaram a Maria Moura para ela se sobressair dentro da ordem vigente. Fora desta, contudo, resta-lhe a opção pelo banditismo e ela, então, forma um bando de jagunços e passa a liderá-los. Hannah Arendt, ao analisar as diferentes formas de exercício do poder na sociedade, discorre acerca da formação de grupos criminosos, como o criado ficcionalmente por Rachel de Queiroz.

Hobbes isenta os que são excluídos da sociedade – os fracassados, os infelizes, os criminosos – de qualquer obrigação em relação ao Estado e à sociedade, se o Estado não cuida deles. Podem dar rédea solta ao seu desejo de poder, e são até aconselhados a tirar vantagem de sua capacidade elementar de matar, restaurando assim aquela igualdade natural que a sociedade esconde apenas por uma questão de conveniência. Hobbes prevê e justifica que os proscritos sociais se organizem em bandos de assassinos, como consequência lógica da filosofia moral burguesa (ARENDDT, 1976, p. 97).

Hannah Arendt, amparada em *Leviatã*, de Thomas Hobbes, avalia que as relações de poder estabelecidas na sociedade se fazem propícias para o surgimento de grupos criminosos, excluídos pelo sistema. A criminalidade surge como um dos possíveis meios para que os excluídos alcancem os seus objetivos. Segundo Hobbes – que, em *Leviatã* e *De Cive*, discute sobre a formação do Estado e do poder inglês do século XVII – o perigo dos excluídos advém da sua condição de não ter nada a perder.

Deslocando esse conceito do contexto inglês do século XVII para o contexto patriarcal rural do século XIX, pode-se afirmar que a passagem que Moura faz de sinhazinha a cangaçeira resulta da perda da família, da honra e da terra. A marginalização se torna uma via de inserção no mundo, bem como uma tentativa de ingresso na esfera organizada, tentativa esta que, embora se concretize no romance, não aponta para a perpetuação, visto que, ao que tudo indica, a protagonista, no final da obra, caminha em busca da morte.

Contraditoriamente, o cangaço é o caminho pelo qual Maria Moura tenta fazer seu retorno ao mundo oficial – respaldado no tripé família-honra-terra – ao qual ela não pertence mais. Apossando-se da Serra dos Padres – que fora de seus ancestrais – ela consegue a terra, legada, no final do romance, a seu afilhado Alexandre, como pagamento ao seu pai – Valentim – por ele ter assassinado Cirino, homem por quem Moura se apaixonou e que, por dinheiro e despeito, a traiu.

Além do valor dado à terra, a herança deixada a Alexandre aponta para a preocupação de Maria Moura com relação à família, visto que, no que se refere ao afilhado, ela declara: “*é a única criatura do meu sangue que eu considero neste mundo. Por ser filho de Marialva, minha prima legítima*” (p. 451).² A honra é evidenciada no que motivou a herança: a morte encomendada de um traidor, em sintonia com o famigerado código dos jagunços.

Ao se analisar as informações históricas sobre o cangaço, percebe-se que ele corrobora as análises de Thomas Hobbes e Hannah Arendt. Um grande número de indivíduos ingressou no movimento por falta de opção, vitimados pelas injustiças sociais – marcantes ainda hoje – no contexto nordestino do Brasil. Conforme Luitgarde

Oliveira Cavalcanti Barros, o cangaço – de acordo com o depoimento de vários cangaceiros, amigos e familiares destes – resultou, preponderantemente, da exclusão social.

As lembranças evocadas por ex-cangaceiros, seus familiares, amigos e protetores, trazem imagens destacadas da maldade da polícia e das volantes. Nessa categoria de informantes, aqueles cuja memória se baseia em lembranças de imagens vívidas, separam Corisco, Zé Baiano e Sabino como “sujeitos perversos” e “uns perdido de Deus”, identificando os demais cangaceiros numa categoria de vítimas de injustiças, gente que fugia das misérias da polícia, ou pessoas tragadas pela sorte ruim, muitas até inocentes que entraram no cangaço muito jovens, por espírito de aventura (BARROS, 2000, p. 41).

A pesquisa de Barros aponta para uma distinção entre os integrantes do cangaço. Há aqueles que se tornaram cangaceiros por falta de alternativas, mas há, ainda, os “perdido de Deus”: aqueles que, detentores de uma inclinação para o mal,³ encontraram prazer ao serem violentos e em matar.

Como o cangaço é enfocado no eixo narrativo de *Memorial de Maria Moura*, é mister atentar para o conceito desse movimento. O historiador Carlos Alberto Dória o define como “uma forma de banditismo ocorrida no Nordeste brasileiro entre 1870 e 1940, data em que morreu Corisco, o último cangaceiro” (DÓRIA, 1981, p. 7).

Classificado por Carlos Dória como um movimento de banditismo social, o fenômeno do cangaço tem sua ocorrência registrada num tempo e espaço precisos. O momento em que o cangaço desponta é o de transição entre os séculos XIX e XX. No que concerne ao espaço de sua abrangência, Luitgarde Cavalcanti Barros detalha as áreas do Nordeste brasileiro em que atuaram os maiores cangaceiros.

Percorrendo o espaço físico da confluência entre Sergipe, Bahia, Pernambuco e Alagoas, Lampião e seus cabras retornaram sempre ao lócus original. Paraíba e Ceará (...) eram, no imaginário das facções em combate, extensões de suas marchas, campos de saques, de repouso ou de batalhas sangrentas (BARROS, 2000, p. 39).

Partindo de seu centro vital – Paraíba e Ceará – os cangaceiros deram vazão às suas práticas ilegais e violentas, em uma vasta região do sertão do Brasil. A agressividade com que permaneceram nesse espaço foi tão marcante que Carlos Dória afirma que o termo cangaço, “segundo os folcloristas, vem de ‘canga’, nome dado ao armamento do indivíduo que andava de bacamarte passado sobre os ombros, tal qual um boi no jugo. (...) Cangaceiro, portanto, era a pessoa que andava ‘debaixo do cangaço’ ou da ‘canga’” (DÓRIA, 1981, p. 24). Apesar de ter existido cangaceiros que agiram livremente pelo sertão, houve, também, os que se submeteram às ordens dos grandes proprietários rurais. Eles se empenhavam em fazer o

“serviço sujo” para o fazendeiro, agredindo e matando quem a este se opunha.⁴ Além do modo violento com que agiram, essa típica subordinação ao patrão rendeu aos cangaceiros a comparação aos animais.

A maneira com que Rachel de Queiroz concebe Maria Moura e as personagens de seu bando, bem como a forma de atuação deste, é idêntica à dos cangaceiros analisados por Luitgarde Barros e Carlos Dória. É o que se percebe, por exemplo, quando Moura narra um dos primeiros assaltos feitos pelo bando.

Com a cara coberta, as armas apontadas, rodeamos os três. João Rufo engrossou a voz: – Soltem as armas! Os homens nos olharam assustados. Nenhum dos três portava arma de fogo. – Joguem as facas longe! – Gritou João Rufo. (...) – Agora passem pra cá os mantimentos. As redes (p. 112).

Embora a infração da Lei faça com que o cangaceiro confronte a ordem vigente – assim como procede Maria Moura e o seu bando –, comumente ele não é visto pela comunidade da qual provém, como um transgressor qualquer. É esse aspecto que faz com que os cangaceiros sejam classificados como bandidos sociais. A esse respeito, Carlos Dória afirma:

o bandido social é, em geral, membro de uma sociedade rural e, por várias razões, encarado como proscrito ou criminoso pelo Estado e pelos grandes proprietários. Apesar disso, continua a fazer parte da sociedade camponesa de que é originário e é considerado como herói por sua gente, seja ele um “justiceiro”, um “vingador” ou alguém que “rouba aos ricos”. (...) É um camponês comum que por algum motivo “caiu em desgraça” perante os poderosos locais, ou um rebelde, e que por isso mesmo merece ser admirado, ajudado e protegido na luta contra seus inimigos [grifo do autor] (DÓRIA, 1981, p. 11-2).

A análise de Carlos Alberto Dória é condizente com o ciclo do cangaço. Lampião, por exemplo, era visto até os anos oitenta, em grande parte do sertão nordestino, como uma espécie de salvador, um “Robin Hood” brasileiro, que “roubava dos ricos para dar aos pobres”. Difundiu-se no imaginário popular nordestino que – assim como o padre Cícero seria um santo – Lampião era o herói sertanejo.

Ao escrever *Memorial de Maria Moura*, Rachel de Queiroz, valendo-se de suas memórias, resgata o cangaço, condição social com a qual ela estivera em contato, principalmente por ter nascido e se criado no Nordeste brasileiro. No que se refere ao tratamento dispensado por Queiroz em relação ao cangaço – bem como às demais contingências sociopolíticas do sertão nordestino do século XIX – torna-se relevante atentar para a pesquisa de Ligia Chiappini.

Não há nenhuma idealização do Sertão na literatura de Rachel. (...) Tampouco se idealiza o cangaço, como já não se idealizava na peça de teatro, *Lampião*, onde o que se evidencia é o arbítrio e o roubo legitimados pela força e pelo prestígio do chefe. Maria Moura, *Lampião de saias*, confirma tudo isso, apenas com o complicador da sua ambigüidade – masculino-feminino – que vem à tona quando ela se apaixona pelo homem que a trai e terá de matar (CHIAPPINI, 2002, p. 67-8).

Rachel de Queiroz, cearense, nascida em 1910, conhece bem as contingências sociais do cangaço e já havia se reportado a elas em 1953, com a peça *Lampião*. A escritora retoma esse tema em 1992 com *Memorial de Maria Moura* e, mesmo não idealizado-o, ela revela o heroísmo inerente ao cangaceiro difundido pelo imaginário popular. Conseqüentemente, esse caráter heróico desempenhará grande papel na constituição da personagem central do romance. É o que destaca a estudiosa Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa ao analisar o perfil da protagonista do *Memorial*.

Assim se dá a construção e configuração de Maria Moura, num nível elementar de ingresso no social por via do imaginário, como é o caso de *Lampião*, peça de estréia da escritora. Ainda que os objetivos de Moura restrinjam-se a seu projeto pessoal, suas atividades ilegais transformam-na, aos olhos dos sertanejos da região, em uma heroína, que lhes dá a ilusão de esperança, por representar a oposição ao poder constituído (BARBOSA, 1999, p. 55).

O banditismo social, contudo, não é um fenômeno exclusivo do Nordeste brasileiro. Carlos Dória analisa, também, como as raízes do banditismo social desenvolveram-se a partir de regiões que, embora geograficamente distintas, apresentaram uma similaridade econômica e social.

Esse tipo de *banditismo social* é um dos fenômenos mais universais da História. Existiu na China, no Peru, na Sicília, no Nordeste brasileiro, na Ucrânia, na Espanha, na Indonésia, etc. Do ponto de vista organizacional, as sociedades onde ele surge possuem alguns traços comuns: são sociedades rurais que vivem a transição entre a organização tribal ou de clã (onde o principal laço de solidariedade social é a família extensa) e a moderna sociedade capitalista em fase de industrialização, quando o avanço do capitalismo no campo destrói a predominância dos laços de família [grifo do autor] (DÓRIA, 1981, p. 12).

O cangaço, a exemplo de outras manifestações de banditismo social, surge em uma sociedade que se encontra em transição entre o arcaico e o moderno. A época em que, no sertão nordestino, os cangaceiros começam a proliferar – entre o final do século XIX e início do século XX – é marcada por essa peculiaridade.

Essa transição entre o arcaico e o moderno se faz presente em vários temas literários, não apenas no que se refere ao cangaço. Por exemplo, Carlos Drummond de Andrade reporta-se a esse momento de passagem nas obras *Boitempo* e *Menino antigo* (*Boitempo II*). Ao analisar tais obras, a estudiosa Rita Felix Fortes salienta que “Carlos Drummond de Andrade, em *Boitempo* (1968) e *Menino antigo* (*Boitempo II*) (1973) não só contrapõe o Brasil arcaico, herança do século XIX, ao Brasil tecnológico do século XX, como resgata a estrutura semi-patriarcal, vigente ainda, nos primeiros decênios desse século” (FORTES, 1994, p. 61-2). Pela análise dos poemas drummondianos, a pesquisadora desvela o momento de transição atravessado pela sociedade brasileira que se fez propício ao surgimento do cangaço.

Na transição entre os séculos XIX e XX, ocorre, principalmente no sertão nordestino, um outro fator que, segundo Dória, está vinculado ao surgimento do banditismo social: o declínio da *predominância dos laços de família* na sociedade. É nesse período que o sistema patriarcal – caracterizado por concentrar o poder dentro do círculo familiar – entra em decadência, pois, como destaca Rita Fortes, é nas primeiras décadas do século XX que começa a não mais se sustentar a organização social de então, cuja estrutura já se fazia semi-patriarcal.

Ao se analisar a obra *Memorial de Maria Moura*, é possível constatar que o fulcro temático marcante em seu eixo narrativo é o cangaço. A protagonista, ao romper com a submissão feminina, típica da organização patriarcal, realiza a passagem de sinhozinha a jagunça, motivada pela perda de sua família, sua honra e suas terras. Para a personagem, o banditismo torna-se uma tentativa de regresso ao mundo organizado ao qual ela não mais pertence e, tampouco, irá retornar, como insinua o epílogo do romance.

OS VESTÍGIOS DO CANGAÇO EM DÔRA, DORALINA

O movimento do cangaço também tem seus vestígios na obra *Dôra, Doralina*. Estes são marcantes, principalmente em Delmiro, que confessa para Dôra – a narradora e protagonista do romance – que foi jagunço e que o ferimento que o levou, quase morto, ao terreiro da fazenda Soledade, resultou do confronto com a polícia.

O grupo com quem [Delmiro] andava é verdade que se aliou com os provisórios, mas logo se fizeram de bandidos, aproveitando a ocasião, a munição e as armas. Começaram roubando uns cavalos, depois se passaram a roubar gado. (...) Assaltaram uma bodega, e então a polícia formou um volante, expresso para dar caçada a eles (p. 36).5

A conduta de Delmiro, bem como do bando ao qual ele pertencia antes de se refugiar na fazenda, aponta para o banditismo. Houve, até as primeiras déca-

das do século XX, vários tipos de banditismo no meio rural brasileiro. Carlos Dória esquematiza um breve histórico de como se chegou a esse quadro criminal no sertão brasileiro do século passado.

Durante um longo período os grandes proprietários sertanejos se digladiaram para conquistar o direito de figurarem como autoridade governamental em sua área de domínio, para serem os coronéis da Guarda Nacional. (...) A formação de milícias privadas era, nestas circunstâncias, o recurso de poder mais visível. Elas, além dos parentes, reuniram dois tipos de elementos. Em primeiro lugar, o *jagunço*, uma espécie de guarda-costas do senhor, que em geral era um trabalhador com antecedentes criminais, ou um pistoleiro profissional, que vivia sob a proteção do coronel em troca de serviços de natureza militar. Em segundo lugar, o *cabra* ou *cangaceiro manso* – um morador comum, que trabalhava na terra ou na lida com o gado, cujo contrato de trabalho implicava a defesa incondicional do senhor [grifo do autor] (DÓRIA, 1981, p. 23-4).

Além dos cangaceiros livres, que não se submetiam à ordem, havia os bandidos contratados pelos coronéis. A autoridade facultada pelo governo a alguns desses bandos contribuiu para a expansão do banditismo nesse período.⁶ Esse exemplo evidencia como o banditismo foi um fenômeno que se desenvolveu, no Brasil, mesmo dentro das leis vigentes, legitimado pelo poder dos coronéis da Guarda Nacional.

Tanto o cangaceiro manso quanto o jagunço – ambos citados por Dória – se subordinaram aos caprichos dos coronéis devido à falta de perspectivas para eles dentro da organização patriarcal. Motivo similar ao da inserção criminal de muitos cangaceiros livres. Pela abordagem do historiador, percebe-se que todo tipo de banditismo configura-se como um fenômeno que está mais relacionado às injustiças sociais que à ambição pelo poder ou à maldade inerente à figura do bandido, aspecto ficcionalizado por Rachel de Queiroz em *Dôra, Doralina*, principalmente por meio da personagem Delmiro.

A temática do jagunço está também presente em outras obras da Literatura Brasileira, como, por exemplo, em *Chapadão do bugre*, de Mário Palmério; *Angústia*, de Graciliano Ramos; *Fogo morto*, de José Lins do Rego – por meio do “bando do Cabo Preto” –, além de boa parte da obra de Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*, por exemplo, tem no cangaço o mote principal para que o autor discuta, além de mazelas sociais, a temática do bem e do mal, aspecto de grande questão no romance.

A vinda de Delmiro à fazenda Soledade é outro episódio que revela os vestígios do cangaço. É o que se percebe quando o ex-jagunço conta como conseguiu chegar à fazenda.

[Delmiro] *Foi iludido com as conversas dos revoltosos, lhe jurando que o Governo já tinha perdido a guerra, que a revolução estava vencedora e que até mesmo o padre Cícero tinha mandado o seu pessoal combater ao lado da Coluna Prestes. (...) Mas na viagem, até a chegada ao Ceará, foi descobrindo as mentiras: a Coluna não estava vencendo nem nada (...) e o pior é que o Padre Cícero continuava contra os revoltosos e tinha mesmo abençoado os provisórios do governo para combaterem a Coluna (p. 33).*

O episódio narrado por Delmiro é condizente com os fatos históricos. A Coluna Prestes foi uma rebelião militar liderada por Luiz Carlos Prestes, ocorrida dentro de um movimento chamado *tenentismo*. A narração de Delmiro vai ao encontro, principalmente, à postura assumida pelo padre Cícero em relação à Coluna. Ele não esteve ao lado dos rebeldes. Inclusive, foi por intermédio do padre Cícero que, ironicamente, Lampião recebeu do governo o título de capitão, com o objetivo de combater os revoltosos da Coluna Prestes,⁷ fato que nunca veio a ocorrer. Maria Cristina Matta Machado, ao estudar esse embate entre cangaceiros e tenentistas, descreve os esforços empreendidos por padre Cícero na luta contra os rebeldes da Coluna.

Prestes, com seus intrépidos companheiros, levando de vencida todos os obstáculos que se opõem à sua marcha, invade o Ceará pela serra da Ibiapaba. (...) Ao que tudo indica, Padre Cícero, que a princípio não queria envolvimento nessa luta, começou a ver as coisas, sob o ponto de vista político. (...) Ora, sendo muito amigo de Lampião, como dos cangaceiros de um modo geral, viu a possibilidade de reintegrá-los à sociedade, fazendo deles homens que iriam defender o governo contra os rebeldes. Resolveu, então, em acordo com Floro Bartolomeu, dar ao Rei do Cangaço o título de capitão. E foi para Pernambuco que Lampião se dirigiu, para receber o título, que lhe seria fornecido pelo Governo Federal (MACHADO, 1978, p. 58-9).

A enunciação do ex-jagunço revela mais uma característica desse conturbado período histórico, quando ele declara ter tomado conhecimento de que “*padre Cícero tinha mandado o seu pessoal combater ao lado da Coluna Prestes*” (p. 33). É aos cangaceiros que ele está se referindo. Embora os cangaceiros não tenham aderido à Coluna, os revoltosos eram, a exemplo do que informaram a Delmiro, confundidos com eles. A esse respeito, José Augusto Drummond, estudioso que se detém a analisar a referida rebelião, afirma: “em todo o Nordeste, a Coluna carregou fama equivalente à de bandoleiros ou cangaceiros; o povo temia a aproximação dos rebeldes, pois deles esperavam saques, assassinatos e atrocidades” (DRUMMOND, 1985, p. 66).

A visão de Luitgarde Cavalcanti Barros coaduna a de José Drummond. Em sua obra, Barros ressalta que, na cidade de Nazaré, no sertão nordestino, a união entre os rebeldes da Coluna Prestes e os cangaceiros era a tal ponto dada como certa,

que “os boatos espalhavam, duma coluna imbatível, porque Lampião estava junto com os revoltosos, e iam tocar fogo no povoado” (BARROS, 2000, p. 236-7).

Delmiro recebe informações fantasiosas, oriundas do imaginário popular. Além dos jagunços e cangaceiros não terem ingressado na Coluna Prestes, alguns deles, inclusive, lutaram contra ela. É o que destaca José Augusto Drummond.

Foram os jagunços da Bahia que melhor combateram a Coluna. (...) Os jagunços foram inimigos tenazes e eficientes, mas nem por isso deixaram de cair numa das várias ciladas que o gênio tático de Prestes soube armar. (...) Nos depoimentos de época publicados pelos participantes e simpatizantes há enorme confusão na identificação dos inimigos civis dos rebeldes: “jagunços”, “patrióticos”, “cangaceiros”, “bandidos”, “capangas”, são alguns dos termos usados para designá-los. (DRUMMOND, 1985, p. 72-3).

Consoante afirma Luitgarde Barros, alguns cangaceiros, como os do bando de Lampião, chegaram, ainda, a tirar vantagem da rebelião, aproveitando a ausência da polícia, enquanto esta combatia a Coluna.

Os nazarenos se declararam contrários à Coluna Prestes, que se achava entre Nazaré e Floresta. Relataram ao comandante do partido que Lampião estava tirando de todo aquele movimento, incendiando propriedades, matando e roubando solto, porque as tropas tinham sido todas requisitadas para combater os revoltosos (BARROS, 2000, p. 240-1).

Esse enfoque direcionado ao cangaço pela Literatura Brasileira é também abordado por Carlos Alberto Dória. O historiador enumera uma série de obras significativas no que concerne à imortalização do movimento no imaginário nacional.

Os folhetos de cordel, vendidos nas feiras nordestinas, continuaram a cantar as proezas daqueles heróis. (...) Mais do que isso, o cangaço conseguiu, aos poucos, se impor à própria sociedade culta e letrada, seja como temática da literatura regional, seja como elemento de um esforço consciente de se construir uma cultura nacional popular. O primeiro romance em que o cangaço figura como tema é de 1876. *O cabeleira*, de Franklin Távora. Depois dele, na literatura regional nordestina, seguir-se-ão *Coiteiros*, de José Américo de Almeida; *Os cangaceiros*, de José Lins do Rego; e vários outros de menor importância, até se culminar com a obra monumental de Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas* (DÓRIA, 1981, p. 84-6).

O cangaço, além de ser tema recorrente na literatura, como frisa Dória, é também retomado, normalmente associado ao coronelismo, pelas telenovelas: versão moderna dos folhetins difundidos desde o Romantismo, como exemplificam: *O bem amado*, de Dias Gomes; *Lampião e Maria Bonita*, minissérie de Aguinaldo

Silva e Doc Comparato; *Roque santeiro*, novela também de Dias Gomes; *Mandacaru*, de Carlos Alberto Rattton – novela na qual a temática do cangaço se fez marcante, com alusões a passagens de obras como *Os sertões*, de Euclides da Cunha –, além do romance *Memorial de Maria Moura* que, conforme já mencionado, fora transformado em minissérie.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se analisar comparativamente as obras *Memorial de Maria Moura e Dôra*, *Doralina*, é possível detectar, nos eixos narrativos de ambos os romances, elementos que apontam para o cangaço. No *Memorial*, a protagonista Maria Moura adere ao cangaço para poder sobreviver em universo patriarcal e conservador, vitimada pelas injustiças sociais vinculadas ao gênero feminino. Na obra *Dôra*, *Doralina*, os vestígios do cangaço são perceptíveis, principalmente, na personagem Delmiro, ex-jagunço que, ao aparecer ferido na fazenda Soledade, passa a contar com a proteção de Dôra, a protagonista do romance.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo I*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. *Menino antigo*: boitempo II. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- ARENDT, Hannah. *Imperialismo*: expansão do poder. São Paulo: Documentário, 1976.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. 3. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBOSA, Maria de Lourdes Dias Leite. *Protagonistas de Rachel de Queiroz*: caminhos e descaminhos. Campinas: Pontes, 1999.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A derradeira gesta*: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2000.
- CHIAPPINI, Ligia. "Rachel de Queiroz: invenção do Nordeste e muito mais". In: CHIAPPINI, Ligia; BRESCIANI, Maria Stella. (Orgs.). *Linguagem e cultura no Brasil*: identidades e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2002.
- DÓRIA, Carlos Alberto. *O cangaço*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- DRUMMOND, José Augusto. *A coluna Prestes*: rebeldes errantes. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FORTES, Rita Felix. *O texto poético*: crítica e devaneio: análise de poemas. Cascavel: Assoeste, 1994.

HOBBS, Thomas. *De cive: elementos filosóficos a respeito do cidadão*. Trad.: Ingeborg Soler. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Trad.: Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

MACHADO, Maria Cristina Matta. *As táticas de guerra dos cangaceiros*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.

PALMÉRIO, Mário. *Chapadão do bugre*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

QUEIROZ, Rachel de. *Dôra, Doralina*. 19. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

_____. *Memorial de Maria Moura*. 13. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 38. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

REGO, José Lins do. *Fogo morto*. 59. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

ROSENFELD, Denis L. *Do mal: para introduzir em filosofia o conceito de mal*. Trad.: Marco A. Zingano. Porto Alegre: L&PM, 1988.

XAVIER, Nilson. (Org.). *Memorial de Maria Moura*: sinopse. Disponível em: INTERNET.

Site: <http://www.teledramaturgia.com.br/moura.htm>. Acesso em 31/03/2005.

NOTAS

- 1 Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, orientado pela Prof.^a Dr.^a Rita Felix Fortes.
- 2 Todas as citações da obra *Memorial de Maria Moura* – referenciadas em itálico – referem-se a: QUEIROZ, Rachel de. *Memorial de Maria Moura*. 13. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.
- 3 Kant, filósofo alemão, formulou o conceito de *mal radical*. Conforme esse conceito, o ser humano pode apresentar uma vontade maligna. Para satisfazê-la, ele buscaria o mal, mesmo consciente das implicações decorrentes da sua perversidade (KANT *Apud* ROSENFELD, Denis L. *Do mal: para introduzir em filosofia o conceito de mal*. Trad.: Marco A. Zingano. Porto Alegre: L&PM, 1988. p. 56).
- 4 O personagem José Bahia, do romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, bem ilustra essa vertente do cangaço. Bahia é um bandido que se submete aos mandos de Trajano – o seu patrão –, cometendo as atrocidades que este fazendeiro lhe ordena (RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 38. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992).
- 5 Todas as citações da obra *Dôra, Doralina* – referenciadas em itálico – referem-se a: QUEIROZ, Rachel de. *Dôra, Doralina*. 19. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.
- 6 Zé Bebelo, personagem do romance *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, é um exemplo modelar que se ajusta a esse modelo social. Inicialmente, Zé Bebelo é contratado

para exterminar bandos de jagunços, embora aja como tal. Posteriormente, ele deixa de servir o governo e luta ao lado daqueles aos quais combatia (ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980).

- 7 Esse exemplo mostra como o Estado, quando lhe convém, transgride as suas próprias Leis.